

## A cidade do Rio de Janeiro através da ficção científica de Humberto de Campos

Prof. Dr. Sílvio Roberto dos Santos Oliveira<sup>1</sup> (UNEB)  
Mestrando Marcos Antonio Maia Vilela<sup>2</sup> (UNEB)

### Resumo:

*As representações do espaço urbano no texto literário permitem compreender o momento histórico-cultural no qual o escritor está inserido. A partir das referências e descrições da cidade, teóricos como Sandra Pesavento e Nicolau Sevcenko demonstram que essas representações do urbano estão intimamente relacionadas com a história e cultura da sociedade vigente. Ao descrever a cidade do Rio de Janeiro no ano 2000, o texto “Entre o que foi e o que será” (1932) do escritor Humberto de Campos (1886-1934) antecipa um momento histórico-cultural da capital da República, (sendo a “antecipação” muito comum nos textos de ficção científica) ao representar uma imagem futura, reflexo da ansiedade de modernização vigentes da contemporaneidade do escritor. Neste texto, o futuro da cidade está pautado nas concepções de modernidade adotadas pelo Brasil, incitado ao desenvolvimento econômico e cultural, frente a algumas descrições do primitivismo.*

**Palavras-chave:** Humberto de Campos, Ficção Científica, Rio de Janeiro, Literatura Brasileira, História Cultural.

### Introdução

O intenso processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro enquanto capital do país e a ampla divulgação de novos valores culturais e científicos importados da Europa contribuíram para a discussão, na literatura, destes valores existentes na sociedade. Percebemos desde o Realismo, em fins do século XIX, uma escrita literária voltada para o questionamento de conhecimentos agrupados nas disciplinas das Ciências Naturais, Exatas e Sociais em direção a possíveis hipóteses tecnológicas e desenvolvimentistas. Esse processo permitia aos escritores fazerem uso de uma linguagem cientificista e optassem por construir metáforas relacionadas à configuração dos novos modelos, nos quais estariam incluídos figuras e objetos tecnológicos que chegavam abruptamente ao conhecimento da população. O olhar para o futuro e para a criação de novas hipóteses quanto à organização social e cultural brasileiras convergiam para a apresentação e críticas acerca das idéias que sustentavam a noção de progresso. Ao mesmo tempo estas “soluções” (na apresentação de um ambiente futurístico baseado em um pensamento cientificista) logravam resolver os males sociais e as constantes interrogações ideológico-culturais que afligiam a capital da República do início do século XX.

O universo da cidade do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas desse século, estava impregnado por projetos idealizados pelo grupo dominante que objetivavam o desenvolvimento tecnológico industrial do país. Atrelado a essa movimentação, surgiam boas expectativas na aplicação de teorias científicas e filosóficas nos aspectos da vida social urbana (a eugenia seria uma destas propostas). O interior deste universo propiciava leituras e interpretações sobre a realidade vigente e o futuro um pouco mais fantasiosas que outras, embora estivessem atreladas a uma conjuntura real: seja social, econômica e principalmente cultural. A literatura, como aponta Nicolau Sevcenko (2003), deixa transparecer pontos históricos interessantes capazes de ampliar a compreensão dos fatos ocorridos no tempo e espaço representados no texto. Sandra Pesavento (2002), por sua vez, indica uma interpretação acerca das possíveis leituras verificadas em alguns textos literários como ponto de apoio para uma análise das representações dos espaços urbanos no interior dessas narrativas.

Os textos de Humberto de Campos, em especial aquele que será tratado neste artigo, assumem uma linguagem e imagens pertencentes a esse universo de desenvolvimento, civilização e “supremacia” dos ideais científicos. A crônica “Entre o que foi e o que virá” possibilita analisar as construções ideológicas e culturais que circulavam no Rio de Janeiro, em especial a idéia de cidade desenvolvida. Ideal presente no imaginário do público daquela época e ainda próximo de nós na contemporaneidade. É importante notar que esse texto recorre a algumas relações titubeantes entre a fantasia da ficção e o desejo de realidade do discurso científico na construção de hipóteses para o futuro. Existe no texto uma espécie de antecipação ao futuro quanto ao desenho urbanístico da capital construído a partir das motivações culturais em estabelecer um prognóstico ideal para a cidade frente às configurações verificadas no passado e existentes no presente. O modo como esta escrita se desenvolve nos permite situá-la como ficção científica, pois estabelece uma realidade altamente desenvolvida em contraste com a sociedade vigente. Esta “hipótese de futuro” encontrada no texto de Humberto de Campos apresenta uma possibilidade de discutir a realidade brasileira através de uma escrita com base no fantástico (BERND, 1998), analisando abordagens e repercussões da compreensão do momento histórico daquele período.

## **1 Contatos imediatos entre o autor e a cidade**

Humberto de Campos foi dos muitos escritores brasileiros que viveram e experimentaram a realidade carioca em meio a grandes transformações de ordem política, econômica e social do início do século XX. A cidade do Rio de Janeiro, capital da República, foi palco das muitas controvérsias políticas e sociais que agitaram as estruturas do país naquela época. Estas discussões ficaram impressas nos sujeitos, que ao experimentarem essa problematização do espaço cultural e social no qual estavam inseridos, criavam suas expectativas ou demonstravam suas desilusões quanto ao presente e futuro. Dentre estas muitas controvérsias podemos citar a campanha da “Regeneração” da cidade do Rio, empreendida pelo Governo Presidencial de Rodrigues Alves e executada pelo prefeito Pereira Passos: “Eles almejavam atingir a Civilização por meio de mudanças concretas, de acordo com os modernos padrões europeus (ou seja, franceses).” (NEEDELL, 1993, p.67). Tal campanha não se restringiu apenas a uma re-configuração do espaço urbano da capital, mas promoveu uma intensa discussão dos padrões culturais vigentes frente aos novos modelos. Estes possuíam como objetivo principal, a modernização e “civilização” dos hábitos dos sujeitos. A Europa, especificamente Paris, se instituiu como paradigma não somente para Pereira Passos, mas para todos os observadores e legisladores dos costumes ditos civilizados: jornalistas e cronistas sociais.

Esse ambiente de modificações estruturais no desenho urbanístico da cidade e nos padrões da esfera cultural, tem como marco a inauguração da Avenida Central em 1904. No entanto estas modificações já estavam sendo pensadas num nível político e econômico em fins do século XIX, haja vista a intensa necessidade de romper com estruturas governamentais atrasadas e burocráticas. Tais estruturas impediam a colocação efetiva do Brasil no cenário do comércio internacional. A própria modificação do espaço urbano atendia a uma motivação econômica. O melhor acesso às vias de circulação de mercadorias em direção ao porto, possibilitaria também o acesso a diversas outras partes da cidade de maneira ágil e produtiva. O modelo colonial de organização política, sobretudo urbana, não supria os anseios de desenvolvimento econômico e competitivo engendrado e liderado pelos ideais desenvolvimentistas e modernizadores importados da Europa:

Muito cedo, ficou evidente para esses novos personagens o anacronismo da velha estrutura urbana do Rio de Janeiro diante das demandas dos novos tempos. O antigo cais não permitia que atracassem os navios de maior calado que predominavam então, obrigando a um sistema lento e dispendioso de transbordo. As ruelas estreitas, recurvas e em declive, típicas de uma cidade colonial, dificultavam a conexão entre o terminal portuário [...] (SEVCENKO, 2003, p.40-41)

Outro grande motivo que levaria a cidade a vivenciar estas modificações urbanísticas foram as constantes epidemias que assolavam a Capital da República. É claro que essa motivação não se restringiu apenas ao melhoramento das condições higiênicas da cidade, mas contracenava como um pensamento político vigente, afirmado por concepções científicas. As ideologias higienistas que assumiam diversas vezes um caráter eugênico atribuíam a muitos dos costumes urbanos um sentimento de atraso e primitivismo, em contraposição com os ideais de civilização e modernidade então perseguidos. A política higienista do início do século tratou logo de apresentar seu foco de ação. Os grupos populares distantes das grandes decisões políticas, oriundos da grande população anteriormente escravizada e agora desempregada, além dos funcionários públicos de categoria subalterna, se tornavam um dos principais empecilhos aos ideais civilizatórios e desta maneira eram associados à proliferação de doenças: “As classes pobres não passaram a ser vistas como classes perigosas apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e a manutenção da ordem pública. Os pobres ofereciam também perigo de contágio.” (CHALHOUB, 1996, p.29). Este perigo se relacionava com a precariedade das habitações, com os costumes “ainda primitivos” de trabalho, crença e relações sociais, impeditivos à consolidação da idéia de civilização, deslocando esses grupos para a marginalidade espacial e cultural:

Cerceados nas suas festas, cerimônias e manifestações culturais tradicionais, expulsos de certas áreas da cidade, obstados na sua circulação, empurrados para as regiões desvalorizadas: pântanos, morros, bairros coloniais sem infra-estrutura, subúrbios distantes, matas; discriminados pela etnia, pelos trajes e pela cultura [...] (SEVCENKO, 2003, p.91)

É neste ambiente que o escritor Humberto de Campos interage com a cidade e com a construção deste ideário de modernidade e civilização. Nascido no Estado do Maranhão em 1886, Humberto de Campos enfrentou uma infância e juventude difícil. Verificamos isto à medida que percorremos seus escritos autobiográficos, nos quais ele traz algumas notas de seu passado: “Eu tenho a impressão de que não fui, jamais, um menino alegre e querido. Por mais que recue no tempo em busca de mim mesmo só me encontro impulsivo e rebelde, mas dominado, intimamente, por uma profunda tristeza [...]” (CAMPOS, 1960b, p.53). Este menino do interior de um estado nordestino experimentou as dificuldades comuns às populações mais carentes, construindo uma leitura particular desta realidade na qual se localizava. Humberto tomou contato com as letras através da presença do pai, que fazia “versos para seu contentamento íntimo” e da mãe, leitora que era de Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu. Neste ambiente de leituras dispersas, Humberto de Campos se arriscava a recitar de memória versos e poemas em troca de alguns tostões, doces e mimos, alcançando o que ele mesmo nomeou como: “primeiro resultado prático da minha capacidade literária, ou, melhor, de intérprete da inspiração alheia” (CAMPOS, 1960b, p.126). Já em Belém no Estado do Pará, local para onde se mudou ainda adolescente, Humberto cultivou uma admiração pelo ilustre escritor brasileiro daquele período, do qual nos fala Múcio Leão:

“[...] Coelho Neto, o cavaleiro andante da literatura, que, àquele tempo, havia ido ao Norte do Brasil, a levar aos gentios as lições de sua crença e de seu amor à beleza da arte escrita. É sob a fascinação inevitável de Coelho Neto que, de ora por diante, se vai desenrolar o fio da vida de Humberto de Campos.” (OLIVEIRA, 1990, p.127).

Ainda no Pará em 1910, Humberto de Campos publica seu primeiro livro: “Poeira”. Um livro de poesias, lançado enquanto o escritor desenvolve sua atividade jornalística no Norte do país, além de assumir cargos políticos na prefeitura de Belém. O livro alcançou grande êxito, permitindo que Campos, através dele, fosse conhecido em boa parte do país: “Seus primeiros versos despertaram um entusiasmo grande no Rio e em todo o Brasil. Traziam uma nota nova.” (OLIVEIRA, 1990, p.128). Apesar do reconhecimento adquirido com a poesia, Humberto se destacou com mais veemência na prosa, consolidando seu espaço enquanto escritor neste campo, enveredando em vários outros gêneros: “[...] como prosador, nós o temos jornalista e cronista, autor de contos e de memó-

rias, crítico, ensaísta.” (OLIVEIRA, 1990, p.128). Juntamente com a fama de seus escritos, Humberto de Campos deixa o Norte do país e vêm ao Rio de Janeiro em 1912 para continuar exercendo sua atividade de jornalista, publicando crônicas e críticas literárias em jornais cariocas. Sua notoriedade na escrita e ampla divulgação de seus textos também são destacadas por Múcio Leão:

Ele percorre várias redações, nessa peregrinação melancólica que no Brasil é a vida de um jornalista. Seus pseudônimos são vários e enchem colunas e colunas das folhas cariocas. Às vezes, seus artigos aparecem, simultaneamente, no Rio e em São Paulo, na Bahia, no Recife e em Porto Alegre. (OLIVEIRA, 1990, p.133)

As experiências adquiridas no nordeste e no norte do país, além de construírem uma visão particular do mundo, dialogam com as outras realidades que vão se apresentando ao Humberto de Campos em seus contatos na capital da República. A cidade do Rio de Janeiro, propaganda da modernidade e símbolo de civilização empreendida pelo novo Governo, passou por tantas modificações de ordem urbanísticas e culturais que os impactos permaneceram no imaginário popular. Os sujeitos participavam de uma nova ordem, na qual se estabeleciam a elegância dos hábitos cultos, e no pretense gosto da intelectualidade das “luzes francesas”. Os valores claramente inspirados na Europa eram cultivados ao extremo em detrimento de uma outra cultura e costumes, forçosamente ligados ao entendimento de primitivismo e “selvageria”, atribuídos ao período colonial e a tudo o mais que estivesse vinculado à idéia de colônia. A relação entre as imagens de passado e presente é explicitada no contraste do qual retiramos uma parte do pensamento de Campos no que diz respeito à mudança dos aspectos urbanos e do *modus vivendi* da população carioca:

Quando, em 1912, eu cheguei ao Rio de Janeiro, senti uma tão profunda emoção como se tivesse descoberto o Paraíso Terrestre. A Avenida já estava aberta, mas ainda apresentava claros nas construções. Os velhos estabelecimentos tradicionais da rua do Ouvidor resistiam, ainda, à febre inovadora (CAMPOS, 1960a, p.104)

Na crônica “Mudaria a cidade... ou mudei eu?”, da qual extraímos este trecho, a figura do autor (entendida aqui como uma construção ficcional do escritor) contrasta com as perspectivas de futuro, ainda desconhecidas e talvez dignas de temor. Na crônica, ele faz um levantamento das impressões que normalmente as pessoas adquirem com relação ao passado, ao presente e as esperanças de futuro. Ao relacionar estes pontos, parece compensar as diferenças que se apresentam aos olhos de cada um dos leitores de sua crônica e daquela realidade, justificando o momento presente. No entanto o texto constrói uma postura compreensiva quanto às mudanças, ao transferir para o espaço, “o mundo” o caráter de flexibilidade. Ao tomar essa atitude, Humberto não invalida as alterações verificadas na sociedade, mas atribui ao homem o desespero de perceber as mudanças sem que possa interferir imediatamente em seu curso. O sentimento de nostalgia está presente nas linhas dessa crônica. E como no texto verificamos a leitura da realidade empreendida pelo autor em sua relação com a escrita, também encontramos algumas das reflexões e questionamentos possivelmente oriunda das expectativas dos leitores em seu diálogo com o autor: “Os dias eram tecidos com fios de seda, e as horas rolavam no regaço da noite como pequeninos gatos preguiçosos em uma grande almofada de veludo negro... E as letras eram, ainda, um delicado ornamento da vida.” (CAMPOS, 1960a, p.106). Ao apontar as diferenças existentes no presente, o passado transparece como a origem das coisas, na qual todas as relações se fazem “perfeitas”, livre de corrupções de qualquer ordem.

O pressuposto da origem se entrelaça com a inocência dos tempos passados que não retornam mais, criando uma expectativa na qual o presente poderia comungar de algum modo com este passado, agora distante. Aqui verificamos um típico entendimento romântico sobre a idéia de tempo ao estabelecer um marco ideal que contrasta com a realidade vigente. Na crônica, percebemos também o estabelecimento de uma relação com a função das letras daquele tempo com a nova ordem, verificada no cotidiano do autor: “E as letras eram, ainda, um delicado ornamento da vida.” (CAMPOS, 1960a, p.106). Os cenários e objetivos da escrita e daquele que escreve são remodelados. Se a escri-

ta “daqueles dias” se comprometia apenas com o ornamento da vida, Humberto se queixa indiretamente das modificações experimentadas, pois o literário e o literato não desempenham a mesma função em seu “presente”. O lirismo e a idealização da figura do autor cedem espaço a uma outra concepção para o profissional das “letras” que deixa de administrar um sacerdócio para escrever sobre assuntos mundanos. O escritor neste novo momento não consegue mais sobreviver apenas com os frutos abnegados de uma atividade literária propriamente dita, por isso migra ou para o jornalismo ou para o funcionalismo público. A aura do literato que vive apenas do seu labor com as letras cai por terra, pois sem as benesses do governo ou de algum mecenas que o sustente é impossível viver nesta nova conjuntura. O ideal romântico de escritor disputa lugar com o profissional do jornalismo, o cronista que observa e critica os novos e antigos costumes da cidade:

Os suicídios por amor, tão caro ainda às últimas gerações do século XIX, são já cobertos do maior ridículo. As musas inspiradoras abandonavam o fundo ensombrecido das janelas, tão propício às idealizações românticas, para reaparecer, vestidas no rigor da moda, pechinchando no comércio de varejos. O jornalismo, com sua curiosidade pelo lado vulgar dos homens, acabou com os heróis. A guerra, vista em pormenor e analisada tecnicamente, banalizou-se. (SEVCENKO, 2003, p.120-121).

Em outra crônica, “A Filosofia de Pamórfio”, Humberto de Campos nos apresenta um posicionamento interessante quando às modificações impressas em qualquer sociedade. Através de um diálogo com uma personagem do poema “Colombo” de Manuel Araújo Porto-Alegre, o autor discute as necessidades e precariedades no desenvolvimento de uma civilização. Poderíamos arriscar que nesta crônica, através do diálogo com a personagem, encontramos o pensamento do autor sobre o desenvolvimento da civilização. Humberto demonstra uma desesperança quanto ao futuro das sociedades civilizadas. No poema “Colombo”, Pamórfio é uma mistura de deus e demônio que acompanha Cristóvão Colombo nas aventuras e desventuras no “descobrimento” do Novo Mundo. Sobre ele, nos diz Humberto: “É Pamórfio, que aparece ao genovês quando este se encontra ainda com as suas naus em Tenerife, e que lhe anuncia a descoberta da América e todos os tristes acontecimentos que lhe assinalariam o destino de navegador e mártir.” (CAMPOS, 1960a, p.111). Curioso para sondar os pensamentos da divindade, o cronista inicia um diálogo e paulatinamente vai descortinando as opiniões sobre a civilização. Pamórfio nos diz:

A civilização atual precipita-se, enfim, pela encosta mais íngreme do despenhadeiro. Quando o fruto principia a apodrecer, nada impedirá que a sua destruição continue. A civilização amadureceu e começa a decompor-se. Os homens não se conformam com essa fatalidade, e culpam alguém da inquietação em que vivem. (CAMPOS, 1960a, p.114)

A partir destas anotações podemos identificar uma postura do cronista no que tange ao futuro e a idéia de civilização. De acordo com Pamórfio e sua filosofia, toda a humanidade está fadada à destruição e a cada instante que prospera e se desenvolve, adianta alguns passos em direção ao desaparecimento: “Tu não ignoras, pelo que tens lido nos mestres, que todas as civilizações têm uma fase de crescimento, outra de esplendor máximo, e outra de decadência e decomposição.” (CAMPOS, 1960a, p.113-114). Todas as civilizações obedeceriam a este movimento, findando sua excelência nas ruínas. Tudo isto nos interessa à medida que podemos perceber a crença do futuro e a descrição de objetos e elementos que personifiquem o ideal desenvolvimentista de cidade, largamente difundido na cidade: “O mundo evoluiu, sem dúvida; e piorou, sem dúvida; mas piorou unicamente para ele, pois que a geração nova sente hoje o mesmo encanto que ele sentiu ontem, e sentirá amanhã a mesma decepção que hoje lhe enche o coração de sombra e saudade.” (CAMPOS, 1960a, p.108) A figura de Pamórfio, entidade mitológica conhecedora do futuro e das ciências ocultas é importante nesta análise, pois retornará propriamente na crônica que nos debruçaremos mais adiante. Pamórfio será o guia do cronista na construção das hipóteses de futuro sobre a cidade do Rio de Janeiro.

## **2 Crônicas e ficção científica.**

Passemos a observar como a ficção científica se encontra presente na escrita de Humberto Campos, em especial na crônica “Entre o que foi e o que virá”. A cidade do Rio de Janeiro, como já foi dito, manteve por anos uma ideologia de desenvolvimento, modernização e anseios civilizatórios com o horizonte firmado no modelo francês. Essa busca, que ficou evidente no processo de “Regeneração” promovido por Rodrigues Alves e Pereira Passos, é refletida nas imagens contidas na crônica. A remodelação do desenho urbanístico, a negação de costumes e hábitos comuns na “sociedade colonial”, as idéias de civilização e modernidade passaram a habitar o imaginário dos sujeitos, possibilitando inclusive a criação de um espaço, no qual esse imaginário estaria em diálogo com a realidade construída nos textos, especificamente na crônica do Humberto de Campos.

O jornalismo tornou-se um dos caminhos trilhados por aqueles escritores que não gozavam do prestígio necessário para publicarem seus livros e obterem a notoriedade necessária para galgar postos de destaque na sociedade. Esta barreira impôs ao artista a busca por outro espaço: “O ingresso maciço dos literatos no jornalismo é por si só uma testemunha muito eloquente da mudança da condição social do artista. Já iam longe e esquecidos os tempos em que sua sobrevivência era assegurada pela generosidade de uma aristocracia de gostos refinados [...]” (SEVCENKO, 2003, p.127). No jornal, através da crônica e da crítica literária, estes escritores aproveitavam um dos principais veículos de difusão de idéias para as massas, para se tornarem conhecidos e posteriormente adentrarem em espaços mais restritos, como a Academia Brasileira de Letras. Mesmo num país de analfabetos, a escrita jornalística conseguia obter um alcance muito maior do que os livros e escritas “mais literárias” alcançavam: “Novas técnicas de impressão e edição permitem o barateamento extremo da imprensa. O acabamento apurado e o tratamento literário e simples da matéria tendem a tornar obrigatório o seu consumo cotidiano pelas camadas alfabetizadas da cidade.” (SEVCENKO, 2003, p.119):

O analfabetismo quase total da população brasileira, nesse instante dramaticamente lembrado, impedia o desenvolvimento de um amplo mercado editorial. Os intelectuais viram-se assim compulsoriamente arrastados para o jornalismo, o funcionalismo ou a política. (SEVCENKO, 2003, p.128)

A crônica desempenha um papel importante nesta estrutura porque ela consegue trazer para o escrito, a crítica e comentário da realidade que está sendo vivenciada por todos: “A narrativa literária estabelece uma transcendência sobre o real, ela constrói seu discurso pelos caminhos do imaginário e os fatos chegam até o leitor como representação de algo, problematizando a realidade histórica.” (TEIXEIRA, 2007, p.45). A escrita do cronista se aproxima desse cotidiano destacando-lhe diferenças e peculiaridades interessantes à “formação da opinião” dos leitores. A crônica, o conto ligeiro e a crítica literária se destacam como uma possibilidade capaz de sustentar os autores que não conseguiram se engajar na nova estrutura política construída com o advento da República. Esta relação do texto com o cotidiano nos interessa porque através dela podemos identificar os comentários sobre a realidade feitas por Campos. Comentários que habitam nas entrelinhas do texto não como hipóteses meramente especulativas sobre o futuro, mas como uma crítica à sociedade vigente e sua constante busca por desenvolvimento. O autor retira do imaginário popular os elementos que o ajudam a construir seus cenários no aproveitamento das discussões locais. Sobre a escrita em prosa de Humberto de Campos, nos diz Múcio Leão:

É no enorme acervo do povo, na imaginação onímoda das multidões, que ele vai buscar os motivos e os assuntos. A fantasia popular é riquíssima. Só com o recolher essa imensa produção, que cada dia o gênio novelístico das esquinas arranja, um folclorista paciente poderia fazer obras primas de graça, argúcia e malícia. (OLIVEIRA, 1990, p.134-135).

Através da crônica, a relação entre tema, autor e leitores se torna mais estreita. Diferente da construção de um conto, romance ou poema, a crônica surge da necessidade diária de se produzir

algum comentário sobre o presente do autor e seus leitores, gozando de certa efemeridade. Se nos voltarmos para aquele momento da história, não podemos dizer que a escolha pela crônica se tratava de uma opção voluntária, até porque o gênero era visto (e ainda é encarado com desconfiança) como algo menor e muito distante da aura dourada na qual se localizavam os “verdadeiros” textos literários. A maioria dos escritores era levada a preencher as páginas dos jornais com suas impressões sobre a realidade, afirmando valores, ou questionando-os:

Filha direta do jornal, seu maior prestígio é o vínculo com o dia-a-dia. Afinal, o cronista é um “prosador do cotidiano”. Dentro de uma prosa livre, com estilo descolado e longe dos grilhões da rigidez, a crônica pode tratar de qualquer assunto. E para acrescentar elegância a esse cotidiano, ela se vale da criatividade artística da literatura. (MORENO DA SILVA, 2007)

Nos textos analisados de Humberto de Campos aparece um desejo de alimentar o debate por meio da representação ou questionamento de temas daquela contemporaneidade. A escrita de ficção científica aparece aqui como problematizadora desta realidade. Não podemos ignorar a obra de Jules Verne e H. G. Wells que circularam no Brasil neste período, o que fundamentou ainda mais esse contato com a modernidade e aproximação com as realidades vivenciadas na Europa através dos símbolos de desenvolvimento e civilização. O entendimento de ficção científica que utilizamos aqui está vinculado à proposta de que este tipo de texto não precisa ter um vínculo mais intrínseco com a “verdade científica”, no entanto ele se apropria desta “verdade” para construir hipóteses de futuro ou ambientar narrativas. Não cabe, portanto a comprovação dos acontecimentos narrados, pois se localiza na criação de uma outra realidade, existente no texto e na imaginação do cronista e seus leitores.

Dentre as inúmeras crônicas podemos citar “O Feminismo Triunfante”, “Os sábios selenitas”, “O Triunfador”, “O país das sombras felizes”, “Um perigo para a civilização”, “A sabedoria de Anaxágoras”, “O carnaval macabro” e, finalmente “Entre o que foi e o que virá”. Todas estas crônicas se espalhavam pelas tiragens dos jornais da capital da República, atingindo como já foi dito outras localidades do país. Nelas podemos verificar a apreensão do cronista acerca das suas impressões sobre a cidade, pois: “As imagens de uma cidade não se resumem ao que é visto na sua objetividade, livre das desordens do desejo e do devaneio de um sonhador; são todas as fotografias por ele imaginadas. A cidade enquanto paisagem tem a imaginação como uma faculdade de sua interpretação.” (TEIXEIRA, 2007, p.48).

### **3 “falta fôlego aos cavalos da tua imaginação!”**

Na crônica “Entre o que foi e o que virá”, Humberto de Campos retorna com a figura enigmática de Pamórfio que durante a crônica aparece apenas como observador. Neste caso é o próprio cronista que assume a função de “profeta” ao relatar as características da cidade carioca. É interessante notar que o autor inicia suas digressões com a afirmativa: “Para conhecer o Futuro, a marcha para diante, é preciso, primeiro, conhecer o Passado, de que é ele o reflexo. Por isso, quando eu me quero transportar ao Rio de Janeiro de amanhã, visito, antes, o Rio de Janeiro de ontem.” (CAMPOS, 1960a, p.202). Essa atitude pode significar a busca pelas hipóteses do futuro, contrastando a idéia de “primitivismo” com a de “desenvolvimento”. Não nos parece, no entanto, que o primitivismo aqui seja visto como algo extremamente negativo, haja vista os exemplos que já citamos anteriormente. A idéia de avanço tecnológico e comercial verificada na crônica nos leva a crer que se trata da “evolução” da sociedade rumo a seu máximo esplendor. Isto não aparece como positivo ou negativo, apenas sinaliza os estágios desse desenvolvimento:

É nesse Pamórfio que eu penso, às vezes, quando me ponho a refletir sobre os destinos da Humanidade, e, mais restritamente ainda, no desta cidade que lhe é, hoje, cérebro e coração. Já alguém imaginou, por acaso, o que será o Rio de Janeiro dentro de um século ou, mesmo, dentro de cinquenta anos? Já houve quem se transpor-

tasse em pensamento a esta Sebastianópolis, imaginando-se no ano 2000? Faça cada um os seus cálculos, e dê liberdade à imaginação. (CAMPOS, 1960, p.201-202)

As imagens sobre a cidade do Rio de Janeiro no momento de sua fundação são apresentadas como ponto de partida para as hipóteses do cronista. O autor descreve desde o desenho geográfico da região até as primeiras intervenções dos habitantes e as primeiras aparições dos elementos da modernidade. As descrições estão sempre focalizadas na integração de grupos populacionais, fluxo de pessoas e na agilidade das trocas comerciais. As imagens de velocidade na circulação de informações, de rapidez no comércio, no abastecimento dos gêneros alimentícios à capital, dão à tônica da representação da cidade do futuro. Mesmo quando descreve os acontecimentos do passado, o cronista se apóia nestas imagens, quando menciona, por exemplo, a construção de vias de ligação, propiciando a facilidade na locomoção de pessoas e bens materiais. Com isso percebemos que as imagens de velocidade e agilidade gozavam de certa importância para o cronista. Quando se refere ainda ao Rio de Janeiro do passado ele nos diz: “Aberta uma estrada sobre o mangal, para a Quinta da Boa Vista, estabelecem-se ligações entre os núcleos de população que se formaram.” (CAMPOS, 1960a, p.204). Ao finalizar a etapa da descrição do passado, o autor estabelece uma cena de transição para se concentrar nas descrições sobre o futuro:

Vêm os bondes. abre-se o túnel de Copacabana. a cidade, cheia, derrama-se. Rodam automóveis sobre o asfalto onde corria o tatuí na areia molhada. E surge a capital magnífica e atordoante, a metrópole moderna, com os seus jardins de vinte e cinco quilômetros e os arranha-céus de vinte e cinco andares... (CAMPOS, 1960, p.204)

A mesma preocupação com a velocidade encontramos no romance “Paris do Século XX” de Jules Verne, obra descoberta recentemente e publicada apenas em 1989. Este livro, escrito em 1863, descreve a capital da França no ano de 1960. Paris é uma cidade absolutamente urbana e “carente de cultura”, na qual o protagonista Michel Dufrénoy busca um editor para os seus versos latinos. No capítulo “Apanhado geral das ruas de Paris”, o narrador, nos apresenta o personagem, já em meio às imagens de velocidade: “Michel Dufrénoy seguira a multidão, mera gota de água naquele rio que, com a ruptura de suas barragens, se transformava em torrente.” (VERNE, 1995, p.42). Com este romance podemos relacionar algumas pistas da necessidade de vincular as imagens de desenvolvimento com as imagens de velocidade das trocas comerciais e do trânsito de pessoas. Essa imagem de “agilidade e rapidez” está presente em Verne e em Campos e podemos identificá-la como um dos símbolos do desenvolvimento e de civilização:

Os meios de transporte eram rápidos, portanto, nas ruas menos atravancadas que no passado, pois uma determinação do Ministério da Polícia proibia que carretas, carros de carga ou caminhões circulasse, depois das dez da manhã fora de certas ruas reservadas.

Essas diversas melhorias conviam bem àquele século febril, em que a multiplicidade dos negócios não deixava espaço para o repouso e não permitia atrasos. (VERNE, 1995, p.49)

Esta mesma idéia de urgência também pode ser verificada na crônica de Campos. Embora não tenha sido leitor deste romance de Verne, Humberto de Campos experimenta o tempo todo, o mesmo contexto histórico da busca pelo desenvolvimento. Os ares de civilização típicos daquele momento são refletidos na escrita de ambos e na aproximação de muitas das descrições dos autores. Uma destas cenas está vinculada, na crônica de Campos, com o trabalho dos “cidadãos do futuro”. O Rio de Janeiro do ano 2000 não pode perder nenhum minuto em sua caminhada à evolução: “Há serviço aéreo para São Paulo de dez em dez minutos, e aeronaves de luxo das onze horas para um almoço em Petrópolis, as quais reporão o assinante no rio à meia hora, tendo ele gasto uma hora à mesa.” (CAMPOS, 1960a, p.205). Do mesmo modo, Jules Verne se refere aos habitantes de Paris, ao apresentar pela voz de seu narrador o espanto acerca dos serviços e maravilhas existentes naquele



la cidade: “serviam-se delas tranquilamente, sem ficarem mais felizes por isso, pois, com seu ritmo acelerado, suas atividades apressadas, seu ardor americano, percebia-se que eram acossados sem interrupção nem piedade pelo demônio da fortuna.” (VERNE, 1995, p.50). Sabemos, através de Needell (1993), que havia uma prática comum de deslocamento dos executivos cariocas entre o centro da cidade e Petrópolis, transferindo um status elegante e culto a seus praticantes. Tal era o prestígio que se tornou necessário criar uma “instituição” para reunir estas pessoas. Era o Club dos diários:

O termo deriva das viagens diárias a que se obrigavam aqueles cuja riqueza e posição lhes permitia veranejar no fresco refúgio serrano da elegante Petrópolis, mas paralelamente exigia deles que percorressem o caminho ida e volta até seus escritórios cariocas, a cada manhã e tarde, num ritual tedioso para aplacar tanto os deuses da moda quanto os da riqueza. (NEEDELL, 1993, p.95)

Ao voltar-se inicialmente para o passado para construir suas hipóteses sobre o futuro, Humberto de Campos, realiza a tarefa de comparar o ambiente cultural no qual estava inscrito. Esta percepção, verificada no texto da crônica, dialoga com os diversos imaginários que foram construídos no processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro. A Avenida Central e as outras vias que interligavam o centro às demais localidades e ao porto, eram apenas o esboço para uma intensificação desta imagem de velocidade: “A Avenida Central não é mais, agora, do que uma pequena veia do novo sistema circulatório do formidável organismo urbano.” (CAMPOS, 1960a, p.205). O imaginário do desenvolvimento contribuiu juntamente com a noção de cientificidade para possibilitar este tipo de escrita. Vejamos exemplos nos quais estas noções são utilizadas na construção de novos equipamentos e serviços presentes no Rio de Janeiro do ano 2000: “Há romances e novelas vendidos em pequenos discos: adquire-se Shakespeare comprimido, e mete-se no bolso, para ouvir em casa.”; “Um aparelho instalado na praça Mem de Sá permite assistir, vendo e ouvindo, o combate entre alemães e franceses, e que é a ‘revanche’ dos franceses, derrotados pelos alemães em 1952.”

Ao final da crônica, Pamórfio (que figura como observador) surge com um ar irônico, desdenhando as suposições do cronista quanto ao futuro da cidade. A entidade, conhecedora das ciências ocultas e dos destinos da humanidade, utiliza a mesma imagem de velocidade para arrematar as descrições: “Para atingir a realidade quanto ao Futuro, falta fôlego aos cavalos da tua imaginação!” (CAMPOS, 1960a, p.207)

## **Conclusão**

Pudemos perceber na análise da crônica de Humberto de Campos um desejo de discutir a realidade vigente na capital da República. As descrições sobre o desenvolvimento da cidade estavam atreladas a uma crítica dos processos em busca da “civilização”. As imagens de velocidade e agilidade no comércio e nas relações pessoais com o outro, com a informação e com a própria cidade figuram como extremamente necessárias ao desenvolvimento da cidade. É deste modo que o Rio de Janeiro, na crônica de Campos, configura toda sua organização estrutural, utilizando este princípio como base. Essas hipóteses estão, ainda assim, vinculadas à realidade vigente com a qual o escritor mantém seus entendimentos sobre o futuro e o destino final da sociedade. A figura de Pamórfio, portadora de uma visão negativa do desenvolvimento da sociedade serve, como ponto de apoio para a análise do cronista acerca deste ambiente. Assim o autor se posiciona à distância ao mesmo tempo em que comunga do imaginário de um destino apocalíptico para a humanidade.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BERND, Zilah. O maravilhoso como discurso histórico alternativo. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). Discurso histórico e narrativa literária. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1998.

- [2] NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- [3] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e Criação cultural na Primeira República*. 2ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- [4] CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- [5] CAMPOS, Humberto de. *Memórias*. São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores, 1960b.
- [6] OLIVEIRA, Almir de. *Humberto de Campos: um exemplo de vida*. Salvador: Editora Universitária Americana, 1990.
- [7] CAMPOS, Humberto de. *Lagartas e Libélulas*. São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores, 1960a.
- [8] TEIXEIRA, Núncia Cecília R. B. *Fisionomia da cidade moderna: imagens literárias urbanas. Terra Roxa e outras terras*. Londrina, v.10, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa> . Acesso em: 20 abr. 2008.
- [9] MORENO DA SILVA, Fernando. *Crônica: uma crítica velada. Terra Roxa e outras terras*. Londrina, v.11, 2007. Disponível em: < <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa> > Acesso em 20 abr. 2008.
- [10] PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. 2ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- [11] \_\_\_\_\_. *Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.8, n.16, p. 279-290, 1995.
- [12] VERNE, Júlio. *Paris no século XX*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

---

## **Autores**

<sup>1</sup> **Sílvia Roberto dos Santos Oliveira, Prof. Dr.**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL

E-mail: outrasliteraturas@yahoo.com.br

<sup>2</sup> **Marcos Antonio Maia Vilela, Mestrando**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL

Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)

E-mail: marcosmaivilela@yahoo.com.br